Caro visitante,

O mundo muda, a língua se modifica e os costumes também. O tempo todo passamos por transformações nem sempre percebidas no nosso dia a dia. Hoje, ao embarcar nesta viagem pela obra de Oswald de Andrade – um escritor que nasceu em 1890 e morreu em 1954 – recebemos informações sobre suas referências e reflexões. Saber a respeito de seu momento histórico é também conhecer um pouco mais sobre nossa História de modo geral.

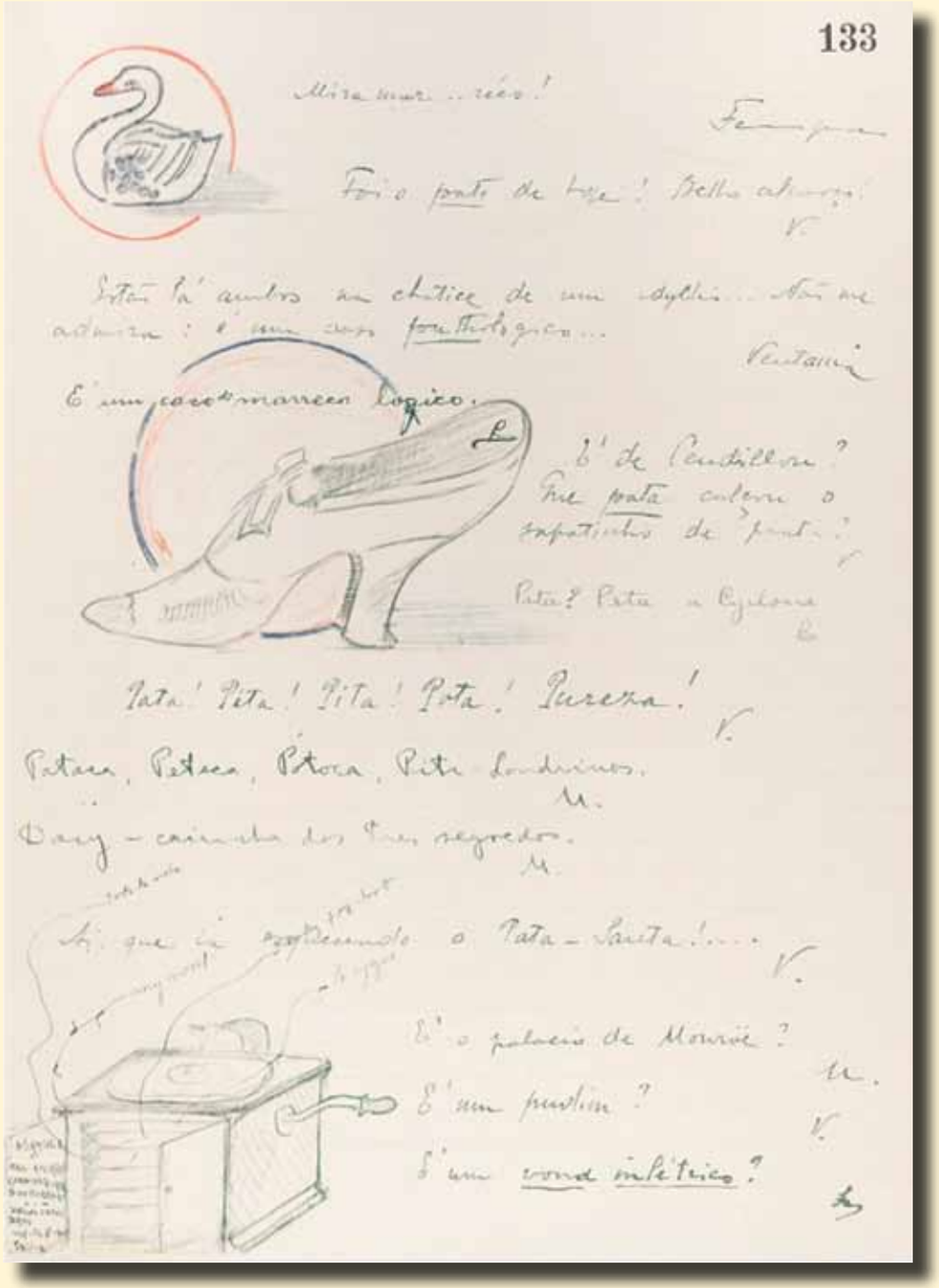
A viagem não é somente de ida. Mergulharemos naquele tempo, sim, mas a proposta é ir até lá para reconhecer o nosso tempo e o nosso lugar. Este é um convite: embarque nas ideias de Oswald e use sua imaginação para trazê-lo ao nosso tempo.

Como tudo isso se desdobra no mundo atual?

Entre maio e setembro de 1918, Oswald de Andrade compôs com diversos amigos ***O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*** [p.160]. Era um diário coletivo onde eles escreviam pensamentos, reflexões, piadas e todo tipo de coisas. Além disso, eles colavam o que achavam interessante: imagens, pequenos objetos, cartas, charges etc., construindo um diálogo em várias cores.

A partir da leitura desse diário, no qual as pessoas respondiam os recados umas das outras, surgiu a curiosidade: como seria o perfil de Oswald de Andrade numa dessas redes sociais se ele e seus amigos vivessem hoje?

Navegando pela obra do escritor construímos esta apresentação e convidamos você a imaginar outras possibilidades de leitura.



## Família

Pagu

Tarsila

Nonê

## Amigos

B. Cendrars

G. de Almeida

## Bloqueados

M. de Andrade

**José Oswald de Sousa Andrade**
Paulistano, filho único, morou no Brás e no Centro da cidade. Foi irreverente, polêmico, boêmio, aventureiro, jornalista, escritor e promotor das artes. Suas mulheres desafiavam as regras sociais vigentes. Se graduou advogado, mas escolheu ser a vida toda um "homem sem profissão".

**Ensino Médio:** Colégio São Bento
**Ensino superior:** Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, aí tive uma das piores decepções da minha mocidade.
**Música:** Debussy, Villa-Lobos
**Livros:** Machado de Assis, Euclides da Cunha, Castro Alves (*Espumas flutuantes*), Júlio Verne (*A ilha misteriosa*), Eça de Queirós (*A relíquia*), Mário de Andrade (*Macunaíma*)
**Atividades e Interesses:** polêmicas, viagens, Semana de Arte Moderna, artes
**Citação favorita:** "O direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em todas as línguas"
[do livro *Serafim Ponte Grande*, p.54]
**Pensamento do dia:** "A alegria dos que não sabem e descobrem"
[do livro *Manifesto Pau Brasil*, p.xx]
**Religião:** "Santo para Tudo"
[do livro *Manifesto Pau Brasil*, p.71]

## Comunidades

O meu nome é OswÁÁÁÁLd

Sou Antropófago

Mulheres modernas

Mário, me aceita de volta!

## Mural

*Burrinha! Burrinha!*


*Ai, Juão! Ai, Juão!*

*O dia hoje acordou bom. Estou otimista, será cinismo?*

*Arranha-céus / Fordes / Viadutos / Um cheiro de café / No silêncio emoldurado*

*Oh! este orgulho máximo de ser paulistanamente!*

*A luz violeta das estrelas artificiais, cortada no alto pelos plátanos, faz futurismos no asfalto...*

*Nunca consegui articular duas frases no palco.*

# ôswald, oswaldo ou oswáld?

Os acentos usados acima são apenas para mostrar qual é a sílaba tônica. Mas se a pergunta lhe parece estranha a princípio, após conhecer a história do autor ela fará algum sentido. Veja o porquê...

O nome deve ser pronunciado OSWÁLD. Isso mesmo: a sílaba mais forte é o "WAL", como no jeito brasileiro de dizer "Osvaldo". Acontece que o nome foi dado ao pai do escritor por sua avó, Dona Antônia, que admirava literatura e gostou do personagem Oswald no romance francês **Corina –** obra da escritora Madame de Staël. Por isso, a pronúncia francesa era a principal referência da família. Aliás, o nome José Oswald passou de pai para filho até chegar à terceira geração.

Dizem que os "Oswalds" da família Andrade aceitavam duas pronúncias: Oswáld e Oswaldo, mas não gostavam muito desta pronúncia mais conhecida hoje, que remete à forma inglesa: "Ôswald".

Quer saber mais sobre isso? Você pode ler o livro ***Um homem sem profissão*** [p.52]. Lá o próprio escritor conta sua história e apresenta outros detalhes que ajudam a conhecer e compreender sua obra.

# A poesia é a prova dos nove

"Aprendi com meu filho de dez anos

Que a poesia é a descoberta

Das coisas que eu nunca vi"

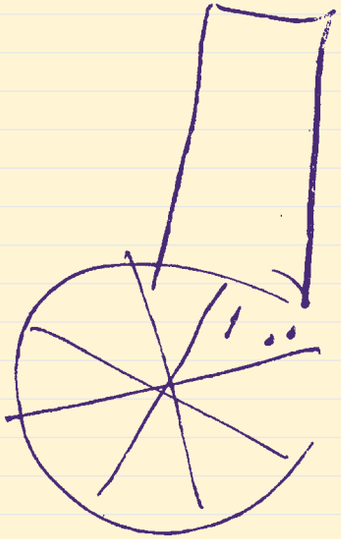
"Há poesia
Na dor
Na flor
No beija-flor
No elevador"

*Você já parou para pensar sobre O QUE É POESIA?*

*Já percebeu como ela está presente nas cenas do cotidiano, nos gestos, nos sons, no modo como percebemos o mundo?*

*Ao pensar no que deixamos de ver no dia a dia, vale a pena reparar também quantos detalhes podem estar presentes no trabalho criativo de um poeta. Há quem pense que um poema é apenas um conjunto de palavras reunidas ao acaso. Porém, para conhecer um pouco mais este processo, convidamos o leitor a observar a diversidade de temas abordados por Oswald e o modo como ele e um grupo de artistas modernistas renovaram a maneira de escrever poesia, manifestando sua liberdade inclusive na linguagem mais próxima à oralidade, em versos livres, trazendo imagens como flashes fotográficos.*

(...)



Por que o canhão?

Guerras x amor nacional?

Lançar algo?

Canhão = Amor entre inimigos?

Amor feminino?

Relações entre pessoas

amor
Humor → Duas palavras são dois versos?

H de Homem?

♫ Dois versos com o mesmo ritmo!

Bom amor bom humor?
Amor irônico?

O amor é uma PIADA?

Estações = fases da vida

**as quatro gares**

**infância**

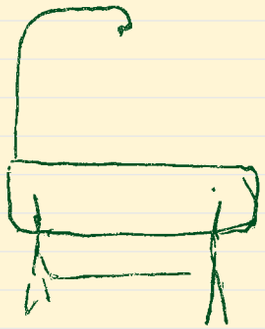
O camisolão
O jarro
O passarinho
O oceano
A visita na casa que a gente sentava no sofá

Memória em flashes/fragmentos

**adolescência**

Aquele amor
Nem me fale

Sentimentos
frustrações



formalidade

**maturidade**

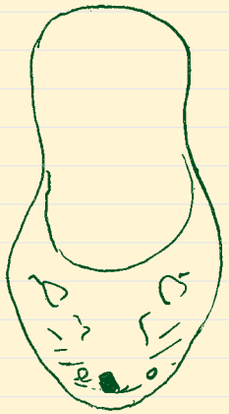
O Sr. e a Sra. Amadeu
participam a V. Excia.
O feliz nascimento
De sua filha
Gilberta

Vida adulta = constituir família

**velhice**

O netinho jogou os óculos
Na latrina

CARINHOSO



verso = grande avô + versinho = netinho

ROTEIROS. ROTEIROS. ROTEIROS.
ROTEIROS. ROTEIROS. ROTEIROS.
ROTEIROS.

Imagem européia?
Onde é LÁ FORA?
Do trem ou do Brasil?

**noturno**

Lá fora o luar continua
E o trem divide o Brasil
Como um meridiano

= O trem divide o progresso do Brasil? =

**longo da linha**

Coqueiros
Aos dois
Aos três
Aos grupos
Altos
Baixos

Vista de dentro do trem em movimento

**casa de tiradentes**

A Inconfidência
No Brasil do ouro
A história morta
Sem sentido
Vazia como a casa imensa
Maravilhas coloniais nos tetos
A igreja abandonada
E o sol sobre muros de laranja
Na paz do capim

Ausência de movimento

Valores do passado

História de Tiradentes

**contrabando**

Os alfandegueiros de Santos
Examinaram minhas malas
Minhas roupas
Mas se esqueceram de ver
Que eu trazia no coração
Uma saudade feliz
De Paris

Retorno ao Brasil

Santos = porta de entrada no país

# brasilidade em construção

Números como versos

País do FUTEBOL

**a europa curvou-se ante o Brasil**

7 a 2
3 a 1
A injustiça de Cette
4 a 0
2 a 1
2 a 0
3 a 1
E meia dúzia na cabeça dos portugueses

Cette = 7? Não! Clube francês!

Meia dúzia = 6

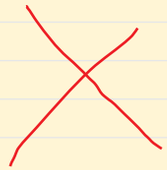
Vitórias do Clube Paulistano

**pronominais**

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Hierarquia

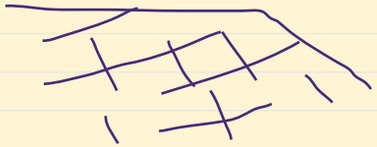


Informalidade

Língua viva

**vicio na fala**

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para peor pió
Para telha dizem têia
Para telhado dizem teado
E vão fazendo telhados



Mão de obra construindo a língua

# Oswaldiando por São Paulo

Como era a São Paulo que viu Oswald nascer?

"São Paulo era uma cidade pequena e terrosa. Pouca gente. Um ou outro sobrado de um só andar."

Oswald vivenciou as transformações rápidas que ocorriam na cidade. Crescimento e urbanização acelerada fizeram parte de seu cotidiano.

"Anunciou-se que São Paulo ia ter bondes elétricos. Os tímidos veículos puxados a burros, que cortavam a morna da cidade provinciana, iam desaparecer para sempre. Não mais veríamos [...] o bonde descer sozinho equilibrado pelo breque do condutor. E o par de burros seguindo depois."

Suas experiências de vida dialogam diretamente com sua obra. Esta exposição também é um convite para o visitante conhecer um pouco mais sobre a história da cidade de São Paulo a partir do olhar de Oswald de Andrade.

"[...] Ao seis ou sete anos, fui matriculado na Escola Modelo Caetano de Campos, no mesmo prédio de hoje, à Praça da República, sem o último andar que, sob os olhos idiotas dos 'Amigos da Cidade', estragou a harmonia arquitetônica do conjunto, edificado por um engenheiro italiano."

"[...] Aos vinte anos fiz a primeira barba, levado por meu pai, no Salão América, em frente à Igreja de Santo Antônio, onde hoje se abre a Praça do Patriarca."

"O Largo da Sé agora está se modificando muito. Nem parece o Largo da Sé de dantes. Dantes era menor. Tinha casas com tetos para fora e a igreja com uma porção de carros."

"A Rua Barão de Itapetininga era pacata e doméstica. [...] As pessoas ficavam conversando nas janelas e nos jardins."

"Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo"

"Anoitece sobre os jardins
Jardim da Luz
Jardim da Praça da República
Jardim das platibandas"

# olhares sobre o mundo

Depois deste passeio pelos poemas você também pode alimentar seu lado artista.

No espaço em branco você pode registrar sua leitura de um modo diferente. Pode ser um desenho, uma colagem... algo que torne esta página uma lembrança da leitura de hoje.

Você pode, a partir de uma imagem, elaborar sua expressão em palavras – com seus próprios detalhes, seu jeito de ser, seu olhar sobre o mundo.

Ao lado, vemos os registros de Oswald e Tarsila, cada um criou seu registro de maneira diferente, ela usou as cores para registrar as impressões obtidas do poema e Oswald usou o olhar e as palavras para documentar as paisagens que ele admirava em um gostoso passeio de trem.

palavras

imagens

**a transação**

O fazendeiro criara filhos
Escravos escravas
Nos terreiros de pitangas e jabuticabas
Mas um dia trocou
O ouro da carne preta e musculosa
As gabirobas e os coqueiros
Os monjolos e os bois
Por terras imaginárias
Onde nasceria a lavoura verde do café

Oswald de Andrade – Pau Brasil, 1925.

Tarsila do Amaral – Pau Brasil, 1925.

# lei do antropófago

**“[...] mesmo as coisas espantosas nunca me espantaram. Encaixo tudo, somo, incorporo. [...]”**

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Antropofagia? Canibalismo?
É isso mesmo?
Gente comendo carne de gente?

Sim, mas não é “só isso”!

A diversidade no mundo é mais vasta do que se pensa! Cada povo tem seus símbolos e seus modos de pensar. Às vezes, eles podem até nos parecer estranhos, mas em cada cultura os gestos assumem novos significados. Não duvide! Aos olhos deles, nós também temos nossas esquisitices... Mas é preciso “ver com olhos livres” como disse Oswald.

Aliás, foi o que ele fez. No **Manifesto Antropófago**, o artista se apropriou de um conceito de **Antropofagia** de modo inusitado. Ele encontrou nesta palavra sua maneira de lidar com tudo o que vinha de outras culturas.

Vale a pena conhecer um pouco mais sobre o conceito de “antropofagia”, eleito por Oswald como “a chave para a compreensão do Brasil”.

**Entre Caetés, Caraíbas,Tupinambás...**

O autor enfatizou esta palavra a partir de seus estudos sobre um ritual indígena no qual os vencedores sacrificam os vencidos e comem sua carne como maneira de se alimentar de sua força.

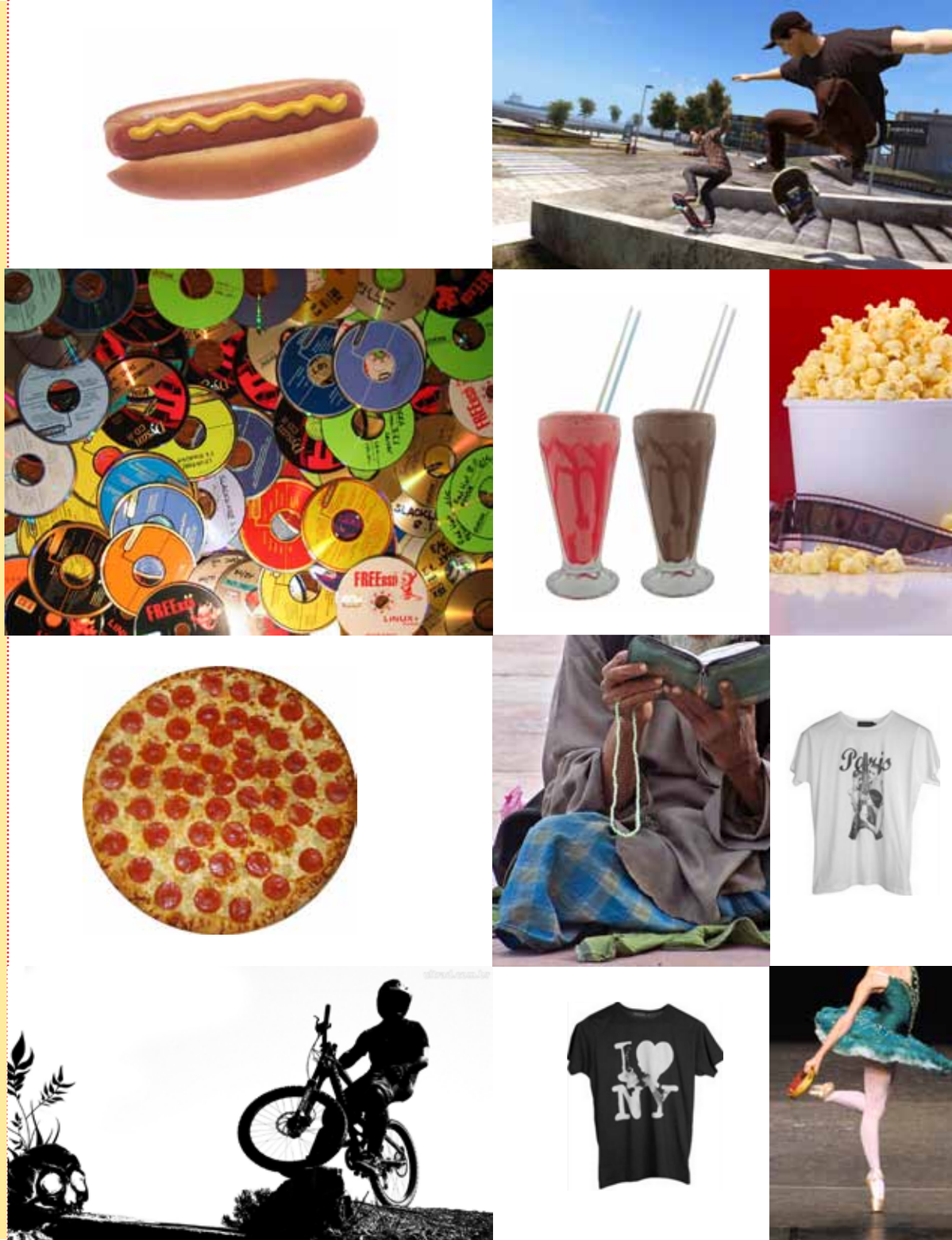
**Entre os modernistas**

Naquele tempo, havia uma submissão aos hábitos e pensamentos estrangeiros, porém, o que Oswald propõe “não é rejeitar o outro”, mas sim aceitá-lo, “devorá-lo simbolicamente”, **apropriando-se de seus saberes**, com uma postura de **identidade fortalecida – não submissa**. É alimentar-se de suas ideias para **criar algo novo, com o nosso jeito de ser**, com o nosso gosto e nosso próprio critério de valor.

Esta simbologia brinca com a oposição entre o primitivo e o civilizado, entre aqueles que costumam ser associados à ideia de “vencidos” e que passam então a assumir uma postura de vencedores.

# Entre nós?

Mas essa discussão levantada pelo artista no começo do século XX também nos convida a pensar: como é nossa relação hoje com tudo o que é influência estrangeira? Ainda temos o mesmo tipo de submissão sem reflexão, ou alguma coisa mudou?



# populagem

Uma das coisas mais interessantes que encontramos em Oswald, e em outros artistas de sua época, é o uso da **linguagem popular** como poucas vezes tinha acontecido. Eles incorporam gírias e expressões populares na literatura. O mais engraçado é que muitas dessas frases sumiram e nos deixam curiosos para entender seu significado. Outras são usadas hoje com sentidos diferentes e podem causar confusão. Fora aquelas que nós ainda usamos como se fossem super recentes, pois continuam atuais. É interessante observar como a fala popular pode mudar tão rapidamente, se modernizando a cada geração.

Abaixo e ao lado, você vai encontrar algumas das expressões que aparecem na peça teatral **O rei da vela**, de 1937.

Toma lá, dá cá

fazer fita

Ficar roído

TER CHELPA

Não amola!

pão-duro

SER DE FERRO

Estar no vinagre

PAU-D'ÁGUA

IR PRO PAU

estar na caveira

Pancadão

E você? Você se consideraria um bom conhecedor das expressões e gírias do momento? Por exemplo, para dizer que alguém é "pão-duro", podemos dizer "mão-de-vaca", "canguinho", "muquirana"... Conhece outras? Que tal desafiar seus amigos vendo se eles são capazes de adivinhar o que querem dizer expressões como "pancadão", por exemplo?

# oswalogismos

Você já inventou uma palavra? Deu um novo sentido para alguma já conhecida ou até mesmo misturou duas delas? Talvez você ainda não tenha prestado atenção, mas com certeza você usa muitos neologismos sem saber. Neologismos são palavras ou expressões novas que ainda não são oficialmente reconhecidas na Língua Portuguesa, como "tuitar", "gugar", "internetês". Apesar de não estarem no dicionário, são facilmente entendidas, não é?

Oswald de Andrade e muitos outros escritores de Língua Portuguesa encontram na formação de novas palavras uma solução divertida e criativa para dizer o que as já existentes não conseguem exprimir. Veja este trecho da obra **Memórias sentimentais de João Miramar**:

> "Célia **monotocava** shimmys e Mozart no piano bandolim da sala de jantar entre as paisagens iguais das janelas." [p.110]

O que você entende por **monotocava**? Será um termo para tocar sem expressão ou preguiçosamente? Ou tocar sozinho... São várias possibilidades. A língua é viva e permite isso! Veja outros neologismos que Oswald criou. Use sua imaginação e também sua criatividade para interpretá-los. Afinal, eles podem significar muitas coisas diferentes.

> "Os amigos **respeitabundos** transferiam-se para o escritório de caricaturas **paredais** e poker na **bolsenta** Rua Quinze [...]" [p.107]

> "**Beiramarávamos** em auto pelo espelho de aluguel arborizado das avenidas marinhas sem sol." [p.102]

> "Passageiros **tombadilhavam** o êxtase oficial da cidade encravada de crateras." [p.85]

> "[...] despeitadas solitárias metiam a ronca nas de morfino viver que **parisiavam** aventuras com velhos meninos domésticos e outros." [p.134]

# dicionário de bolso

No livro **Serafim Ponte Grande** [p.xx], o personagem José Ramos Pinto Calçudo criou uma maneira bastante incomum para não confundir ou esquecer os nomes das pessoas que conhecia ou conheceu: um dicionário de bolso.

Anos mais tarde, percebeu-se que Pinto Calçudo na verdade inspirara-se no próprio criador, ou vice-versa, e "Dicionário de bolso" foi o título escolhido para a publicação de uma obra póstuma e inacabada na qual Oswald elenca definições para algumas personalidades.

A ironia e senso crítico do autor aparecem tanto na escolha das palavras, quanto na diversidade temática. Como se pode perceber nesta breve seleção, nem as religiões escaparam.

Porém, é importante reparar que não se trata de mera brincadeira. Há um cuidado estético que torna o texto mais sofisticado. Por exemplo, ao colocar Lampião como uma "vírgula na História do Brasil", o autor comenta uma omissão política acerca destes personagens e ao mesmo tempo traz à lembrança "Virgulino", o nome de batismo de Lampião.

Ele convida o leitor a pensar sobre Lutero como um "bicho-papão dos papas" no contexto da Reforma Protestante no início do século XVI. Por um processo parecido, apresenta o líder Zumbi como um "zumbido de guerra". São registros de lutas que, então, eram omitidas pela História oficial.

Aqui estão alguns verbetes do **Dicionário de bolso** de Oswald de Andrade:

**CABRAL** – *O culpado de tudo.*

**CÉSAR** – *Greta Garbo.*

**FREUD** – *Diretor espiritual da burguesia.*

**JONAS** – *Vômito de baleia.*

**LAMPIÃO** – *Vírgula na História do Brasil.*

**LEONARDO DA VINCI** – *Criador do sorriso burguês.*

**LUTERO** – *Papão dos papas.*

**MADALENA** – *Joan Crawford na vida de Cristo.*

**MAUÁ** – *Maquinista nacional que apitava em inglês.*

**SÃO TOMÉ** – *Visionário que enxergava com os dedos.*

**SHAKESPEARE** – *Caixa de brinquedos na Renascença.*

**VIRGEM MARIA** – *Miss Nazareth.*

**ZUMBI** – *Zumbido de guerra recordando os palmares no ouvido dos escravocratas.*

**Você pode pesquisar e entender melhor o contexto de cada verbete.** E depois, sabendo deste recurso de expressão, que tal criar o seu próprio dicionário de bolso?

# “contestar é um dever da inteligência”

Se “contestar é um dever da inteligência”, Oswald viveu e morreu com o sentimento de dever cumprido. Seus questionamentos e ironia afiada permearam sua vida e sua obra, resultado de uma mente que se recusou ao comodismo.

Ele questionou a forma passiva como o Brasil aceitava os valores estrangeiros e com sua postura combativa e contestadora ajudou a transformar o modo de olharmos nossa cultura, influenciando a música, a literatura e as artes visuais até os dias de hoje.

# E você com isso?

Na “Era da Informação”, em que temos acesso a regras, modas e músicas de todos os lugares, como você recebe tudo isso?

"Com o vendaval político-econômico de 1930 se definiram posições ideológicas. O sr. Plinio Salgado (...) fundou o Integralismo. O grupo chefiado pelo sr. Mário de Andrade (...), foi para a liberal democracia e para revolução paulista de 1932. Os senhores Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia encaminharam-se para a cooperação pública com o sr. Getúlio Vargas**.** E o grupo restante, (...) de que eu fazia parte com Di Cavalcanti, Pagu, Osvaldo da Costa, (...) dirigiu-se para o marxismo e para a cadeia". Este breve trecho do artigo

## "Notas para meu diário confessional",

dando conta do que sucedeu aos modernistas após a revolução que deu início à Era Vargas, revela o que Oswald de Andrade preparou para o leitor em Estética e Política, coletânea de textos críticos que revelam o talento polêmico do autor de **Pau Brasil**, temperado como sempre pelo bom – e o mau – humor.

"Um romance atual, muito quente, muito febril, que destoa das obras até aqui aparecidas, em vista do estilo e da emoção (...)

## é um grito de novidade que devemos escutar".

Assim se referiu Carlos Drummond de Andrade ao primeiro volume de **Os condenados**, quando de seu lançamento, contemporâneo à Semana de Arte Moderna de 1922 – em que a leitura do texto foi vaiada pela plateia do Teatro Municipal. A reação paradoxal do poeta e do público evidencia o caráter surpreendente dessa trilogia que marca o início da prosa modernista na literatura brasileira, romance que retrata o drama exuberante e sofrido dos jovens artistas em rebelião contra o conservadorismo da sociedade paulistana, na procura tortuosa de uma vida autêntica. Por seu realismo sem meias palavras, **Os condenados** tornou-se um escândalo na pacata São Paulo do início do século XX, que, nas palavras de seus jornalistas, viu na obra somente "as cenas mais torpes da licenciosidade noturna", o "borbotear purulento do veio da prostituição".

## "Amor Humor" –

esse, provavelmente o mais breve poema da língua portuguesa, é somente o primeiro dos achados geniais, obras-primas do humor e da síntese que caracterizam o **Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade**. Segundo livro de poemas do autor, publicado originalmente em 1927, o Caderno faz o casamento perfeito entre paródia e invenção, para dar maturidade estética ao modernismo brasileiro, por meio de um olhar infantil, singelo mas nem um pouco ingênuo. Com lúdica genialidade, Oswald de Andrade reduziu o livro de poesia a uma arquitetura mínima, de leitura ágil e prazerosa, que surpreende por sua atualidade. Por isso, um fascinado Carlos Drummond de Andrade escreveu ao autor declarando: "Esse Primeiro caderno me fez ficar cada vez mais incondicionalmente seu admirador".

## "No Pão de Açúcar/ De Cada Dia/Dai-nos Senhor/A Poesia/De Cada Dia".

Os breves versos do poema "Escapulário", que abre o livro **Pau Brasil**, dão uma ideia clara da obra poética de Oswald de Andrade: trata-se de uma verdadeira revolução na linguagem da literatura brasileira, marcada até então pela retórica grandiloquente do Parnasianismo. **Pau Brasil** representa, nas palavras de Haroldo de Campos, uma "guinada de 180º no status quo" do idioma literário brasileiro. Não seria exagero dizer que Oswald de Andrade foi o criador do nosso português contemporâneo. O radicalismo do autor se traduz na simplicidade do vocabulário, na brevidade cinematográfica dos poemas, no humor paródico dos textos, de tamanha atualidade que muito bem poderiam ter sido produzidos para serem postadas no twitter ou no Facebook.

Romance ou "invenção", como o definiu o próprio Oswald de Andrade, **Serafim Ponte Grande** talvez possa ser considerado o primeiro blog da literatura universal, escrito quase cem anos antes do advento da internet – o que é suficiente para evidenciar seu caráter inovador. Publicado originalmente em 1933, o romance relata, por meio de capítulos breves, compostos em linguagem de sátira, as aventuras de Serafim Ponte Grande, que é "bisneto do conquistador, avesso do bandeirante, filho pródigo que intervém na casa paterna porque viu o mundo, travou más relações e sabe coisas esquisitas", nas palavras do próprio autor. Anti-herói e viajante, zanzando pela Europa e Oriente, em meio a façanhas amorosas,

**Serafim denuncia – com muito humor e sem nenhuma hipocrisia – as falsas verdades da arte, da política, dos costumes e da moral.**

Um livro que põe em xeque a ideia tradicional de obra literária.

"Sou um velho toureiro sem direito a aposentadoria (...) Desço à arena duas, três, até quatro vezes por ano, para enfrentar sempre o mesmo touro negro. Desarmado. (...)

**A morte, esse velho e traiçoeiro touro negro, cada vez mais sabido, mais cheio de fintas e negaceios, investe sobre mim, alucinadamente. Para minha defesa só tenho, firme no braço, a capa bicolor do amor à vida e da alegria".**

Assim se descrevia Oswald de Andrade em seus derradeiros dias de vida, na última entrevista concedida à imprensa, e que reunida com dezenas de outras entrevistas, de 1924 a 1954, formam **Os dentes do dragão**, obra que retrata o envolvimento do escritor no cenário cultural brasileiro e oferece um panorama de suas ideias ao longo de trinta anos de intensa atividade como escritor, pensador e agitador cultural. Ao mesmo tempo, pela ótica de Oswald o leitor encontra aqui um panorama histórico, político e literário do Brasil na primeira metade do século passado.

**“Cabral: o culpado de tudo. Lutero: papão dos papas. Dom Pedro I: imperador que riscava fora da caixa. Marx: esquina da história. Mário de Andrade: Macunaíma traduzido. Bandeirante: esqueleto de barba. Proletário: é alguém que aluga diariamente os seus braços para poder comer mal e dormir pior.”**

Em verbetes velozes e bem-humorados, Oswald de Andrade passa em revista personagens de destaque da história universal e do Brasil neste genial **Dicionário de bolso**, obra póstuma, descoberta em meio à papelada desordenada do autor. Nela, o ponta de lança do Modernismo reescreve a história de modo sintético, irônico e fragmentário, por meio de definições sumárias dos papéis desempenhados por figuras célebres. A obra, produzida por volta de 1932, corresponde à fase engajada de Oswald de Andrade que punha então sua revolução formal a serviço de uma revolução social.

**“A verdade é que missão altíssima se reservam os escritores e artistas que dissecam bravamente os erros e os crimes de uma sociedade em decadência, apontando para ela caminhos melhores e dias mais claros”.**

Ao resumir, com essas palavras, a missão do escritor, em um dos 24 artigos de jornal que integra o volume **Feira das Sextas**, Oswald de Andrade evidencia o projeto que move sua obra literária e jornalística. É por meio dessa perspectiva “missionária” que o fundador do Modernismo brasileiro traça, nesses textos produzidos entre 1943 e 1945, para jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, um panorama da conjuntura internacional e dos fatos culturais do período, concentrando seu olhar sempre irônico na denúncia do nazi-fascismo e das atitudes político-ideológicas do Estado Novo. Como afirma o critico Gênese Andrade, “é um privilégio revisitar a História pelo prisma oswaldiano”.

## “Dum país que possui a maior reserva de ferro e o mais alto potencial hidráulico, fizeram um país de sobremesa. Café, açúcar, fumo, bananas”.

Engajamento político sim, mas sem perder a verve sarcástica que marca sua personalidade. É esse o Oswald de Andrade que o leitor encontra em **O homem do povo**, o “matutino de crítica econômica e social”, que ele mesmo editou, com sua companheira Pagu, entre março e abril de 1931. A crítica implacável de **O homem do povo** incomoda especialmente ao que Oswald chama de “dois cancros de São Paulo”: o café e a Faculdade de Direito, cujos estudantes empastelam a redação do jornal, pondo fim à publicação. Em primorosa edição fac-similar, este volume traz os oito números do matutino militante, espécie de laboratório em que Oswald de Andrade e outros articulistas – a própria Pagu, Astrojildo Pereira, Galeão Coutinho, Geraldo Ferraz – pensam e julgam a sociedade burguesa através de sua utópica e radical visão de mundo.

Das quatro gares da vida de Oswald de Andrade, **Um homem sem profissão** – primeiro e único volume de uma série memorialista interrompida pela morte do autor – talvez estacione na segunda, “Adolescência”, que ele resume nos versos:

## “Aquele amor/ Nem me fale”.

De fato, a agitada vida sentimental faz dessas memórias um verdadeiro romance de amor, ainda que pela perspectiva sempre sarcástica do ponta de lança do Modernismo brasileiro. Obra que compreende os momentos decisivos de sua formação humana e intelectual – do profundo amor filial aos diversos amores da juventude, passando pela ruptura com os valores religiosos –, apresenta as bases da estética oswaldiana e se revela indispensável para uma correta interpretação do fenômeno que foi “o personagem mais vivo no Modernismo”, como o definiu Carlos Drummond de Andrade.

Definido por Oswald de Andrade como “o primeiro cadinho de nossa prosa nova”, **Memórias Sentimentais de João Miramar** é, sem dúvida, um divisor de águas na ficção brasileira. A revolução no estilo que ele significa antecipou em anos ou décadas várias obras consagradas de nossa literatura como **Macunaíma**, de Mário de Andrade, **Perto do coração selvagem**, de Clarice Lispector, e **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa, conforme observou o critico Mário da Silva Brito. Independente de seu valor histórico, porém, **Memórias Sentimentais**, paródia de um relato autobiográfico do protagonista, é capaz de seduzir o leitor contemporâneo por constituir

## “a mais alegre das destruições”,

nas palavras de Mário de Andrade. Ou seja, pela ousadia formal debochada e anarquista, colocada a serviço da critica social que focaliza o Brasil – e particularmente São Paulo – nos primeiros momentos de sua industrialização.

## “Está aí um teatro para hoje, um teatro de estádio... participante dos debates do homem...”

Essas palavras extraídas de um artigo de Oswald de Andrade certamente se aplicam às peças teatrais por ele produzidas, mas não pelo fato de sua dramaturgia – inspirada pela adesão do autor ao comunismo – erigir-se como teatro de tese, que busca questionar a sociedade capitalista. As ideias que conduzem **Panorama do fascismo**, **O homem e o cavalo** e **A morta** são certamente datadas. Mas a audácia arquitetônica, a liberdade criadora e a concepção grandiosa do espetáculo, além do humor anárquico tipicamente oswaldiano, dão aos textos uma evidente atualidade – atualidade perene que os situa lado a lado aos autos de Gil Vicente e ao teatro épico brechtiano. Que outro autor, exceto o próprio Oswald de Andrade, ousaria se dirigir à plateia nesses termos incisivos: “Que és tu, espectador, senão um espermatozóide de colarinho”?

## “Indagar por que se processou na nossa capital a renovação literária é o mesmo que indagar por que se produziu em Minas Gerais a Inconfidência.

Como houve as revoluções do ouro, houve as do café.” É o que afirma Oswald de Andrade numa lúcida reflexão sobre o Modernismo em “O caminho percorrido”, conferência que pronunciou em Belo Horizonte e que integra o volume **Ponta de Lança**, uma coletânea de artigos do autor organizada por ele mesmo. Trata-se de textos publicados em jornais de São Paulo entre 1943 e 1944, que revelam um Oswald de Andrade menos conhecido, mas sempre polêmico, sem condescendência com aquilo que repudia, seja no campo da estética, seja no da política, entre críticas ao nazifascismo (pois os textos são contemporâneos da Segunda Guerra Mundial) e uma revisão dos caminhos da literatura brasileira na primeira metade do século XX.

"**Marco zero** é **um livro difícil de ser apreciado sem paixão",** afirma Di Cavalcanti, "até a paisagem, a atmosfera, as coisas nesse romance possuem a marca de Oswald". Dificilmente o leitor não concordará com o célebre artista plástico, ao se debruçar sobre **A revolução melancólica**, primeiro volume da série **Marco zero**. Incursão de Oswald de Andrade na seara do romance social, a obra apresenta o confronto entre o mundo rural e urbano paulista, para retratar as transformações de uma sociedade agrária semifeudal, a caminho da industrialização. Retrato oswaldiano, naturalmente, traçado em cenas breves, em miríades de fragmentos, **flashes** ofuscantes, frases iluminadoras que resgatam a oralidade caipira e multinacional dos diversos habitantes de São Paulo. Assim Oswald de Andrade discute os grandes temas do país, inserido nas coordenadas da inquietação universal, após a Primeira Guerra Mundial e às vésperas da Segunda, realizando o que Mário da Silva Brito chamou de "um verdadeiro comício de ideias".

**"O Brasil! Tiros e estrelas" –** extraída de **Chão**, a frase pictórica e sintética dá uma ideia do que pretende Oswald de Andrade nesse segundo volume da série de romances **Marco zero**, com os quais visava a fazer uma síntese da história brasileira do século XX, tomando como palco o emergente estado de São Paulo, em que a economia cafeeira dava lugar à industrialização. Romance social e essencialmente urbano, **Chão** focaliza a terra, mas "nas carteiras dos banqueiros, nas letras de câmbio dos capitalistas", como observa o sociólogo Roger Bastide no prefácio. É, acima de tudo, o romance que fixa, a partir da linguagem das personagens, em tomadas cinematográficas, a trajetória dos imigrantes, a derrocada dos cafeicultores e a emergência do proletariado. É ainda um romance de ideias, engajado, que ataca o atraso e conservadorismo nacional, procurando esclarecer e transformar o Brasil por meio da palavra.

## “Estamos na vertente democrática, dizia-me um filósofo de rua, que por coincidência é ao mesmo tempo a vertente da bomba atômica e a de Papai Noel.”

Com a irreverência de sempre, Oswald de Andrade reflete sobre a redemocratização do Brasil, ao fim da ditadura de Getúlio Vargas, numa das crônicas de **Telefonema**, série de textos que produziu de 1944 a 1954 para o jornal “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro. A política, a vida intelectual e cultural, as transformações por que o país passou no período são a matéria-prima para o cronista, observador ágil e perspicaz da nossa realidade cotidiana, captar a História do Brasil em andamento, por uma perspectiva sensível e original. **Telefonema** revela ainda a dimensão utópica do pensamento do escritor, pois as crônicas aqui reunidas são contemporâneas da redação de suas teses filosóficas.

## “Só a antropofagia nos une.

Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.” Assim inicia Oswald de Andrade o seu **Manifesto Antropófago**, de 1928, evidenciando o caráter radical do movimento que lançava, cujas influências se estenderiam, no mínimo, até o Concretismo e o Tropicalismo. Incluído no volume **A Utopia Antropofágica**, juntamente com o **Manifesto da Poesia Pau Brasil** e outros textos teóricos produzidos pelo autor entre 1920 e 1950, a obra, marcada por uma linguagem telegráfica e incisiva, revela uma das mais importantes faces de Oswald de Andrade, como homem e escritor: a do agitador cultural. De fato, não só na literatura, o panorama das artes brasileiras jamais foi a mesma depois que ele lançou o seu brado de guerra, que continua a surpreender e influenciar: “Tupy, or not tupy that is the question.”

**“Num pais medieval como o nosso, quem se atreve a passar os umbrais da eternidade sem uma vela na mão? Herdo um tostão de cada morto nacional.”** Esta fala de Abelardo I, protagonista de **O Rei da Vela**, é representativa do cinismo com que Oswald de Andrade pinta o empresário capitalista, numa peça teatral marcada pelo caráter iconoclasta e anarquista, que, não fosse a censura, teria sido a fundadora da nova dramaturgia nacional. Consagrada nos palcos somente em 1967 (trinta anos após sua publicação em livro), em montagem memorável de José Celso Martinez Corrêa, **O Rei da Vela** propõe uma visão desmistificadora do Brasil, a partir de uma cenografia em que se mesclam estética modernista e análise marxista da realidade. Além do sarcasmo sempre corrosivo de Oswald de Andrade, que assim sintetiza sua proposta dramatúrgica: “A burguesia só produziu um teatro de classe. A apresentação de classe. Hoje evoluímos. Chegamos à espinafração”.

“Vazei, como já disse, minha desgraçada experiência amorosa nas duas peças que escrevi em francês com Guilherme de Almeida. Refletem ela **a descoberta da mulher, verídica no seu sexo e no seu destino.”** Assim resumiu brevemente Oswald de Andrade as peças **Mon Coeur Balance** e **Leur** Âme, reunidas neste volume em edição bilíngue, que inclui também o roteiro do balé **Histoire de La Fille Du Roi**. Os dois textos são um reflexo da complicada relação que manteve, aos 26 anos, com a bailarina Landa Kosbach, de quem fora padrinho – uma relação cheia de lances sensacionalistas que incluiu litígios com o pai da menina, com Kamiá, a francesa que trouxera da Europa e com quem vivia, com a suspeitíssima preceptora de Landa e com a justiça.
A obra apresenta um jovem Oswald de Andrade diante do fascinante e inatingível mistério feminino.

## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Geraldo Alckmin**
Governador do Estado

**Andrea Matarazzo**
Secretário de Estado da Cultura

**Claudinéli Moreira Ramos**
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico.

## MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

**Antonio Carlos de Moraes Sartini**
Diretor

**Marina Toledo**
Coordenadora do Educativo

EDUCADORES
Adriana de Almeida Mendes, André Bispo, Annelise Faria Costa, Catia Maria Soares, Cíntia Helena Tunes, Edson Ignácio de Oliveira, Emerson Cleber Boreli Gianini, Felipe Macedo Caldas, Fernanda Karina B.C dos Santos, Jayson Miranda Sant'Ana, Juliana Pellegrini, Lilian Grandizoli, Lucas Daniel Cassero Teodoro, Maíra Moraes Coelho Dale Caiuby, Mariana Reis Souza, Rafael Cavinato Fernandes, Raul Rocha Cichetto, Rita de Cássia Almeida Braga, Tatiana Gentil do Prado, Wilmihara B. Silva Alves dos Santos

Organização Social de Cultura:POIESIS
museu da língua portuguesa
ESTAÇÃO DA LUZ
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura